



Sarney garantiu para seu amigo e ministro da Justiça, Saulo Ramos, uma vaga no Conselho da República, que Collor não pode mudar

Amigos de Sarney cuidam do futuro e caçam votos

JORNAL DE BRÁSILIA

* 4 MAR 1990

João Aurélio de Abreu

Faltam menos de 15 dias para que o presidente Sarney transmita o cargo ao seu sucessor, Fernando Collor. Alguns de seus mais próximos auxiliares, que chegam ao final do governo privando de sua amizade, também já começam a se preparar para deixar o poder e voltar a sua vida particular. No entanto, o exercício da vida pública parece ter animado a maioria deles. Tanto é assim que ministros como o das Minas e Energia, Vicente Fialho, e dos Transportes, José Reinaldo Tavares, decidiram disputar uma vaga na Câmara dos Deputados em eleições deste ano.

Antes de decidir se irá permanecer no PMDB para disputar as eleições, o ministro das Minas e Energia, Vicente Fialho, irá retornar ao Ceará para reassumir a ca-

deira de professor de Cálculo, na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Ceará. Somente depois que a conjuntura política ficar definida, em função do governo Collor e da acomodação das forças políticas do Estado, Fialho irá decidir se permanece no PMDB ou se rumará para o PFL. O certo é que a Câmara dos Deputados é o seu próximo objetivo.

Outro que pretende se aventurar na vida política é o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares. Ele deixará a sua pasta em 15 de março para reassumir a sua vaga de engenheiro no Departamento de Estradas e Rodagens do Maranhão. Em seguida, pretende se licenciar e tentar sair candidato a deputado federal pelo PFL do Estado. Como deverá ter o apoio do atual presidente da República, José Sarney, que conta com prestígio político em seu Estado de origem, a

eleição de José Reinaldo pode ser considerada um fato consolidado.

Vão mais alto será empreendido pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, exatamente porque não é nenhum novato em política, como é o caso dos outros dois ministros. De acordo com sua assessoria, ele já está de posse de uma pesquisa lhe assegurando a preferência do eleitorado da Bahia, tanto para o cargo de senador como para o de governador. Antônio Carlos Magalhães prefere disputar uma vaga no Senado, mas também depende de como as forças políticas locais irão se acomodar no Estado. De qualquer maneira, tudo indica que ele não irá encontrar muitas dificuldades para se eleger.

Por outro lado, ministros como o da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, e do Gabinete Ci-

vil, Luís Roberto Ponte, não encontram nenhuma dificuldade com o futuro. Os dois são detentores de mandato na câmara dos Deputados e irão retornar à Casa logo que deixem o cargo. Certamente tentarão a reeleição no pleito deste ano.

Esta ambição política, demonstrada pelos amigos do presidente Sarney, pode também se mostrar uma forma de defesa. Conquistando imunidade parlamentar, e participando ativamente das atividades do Congresso, eles poderiam se tornar pedras fundamentais para realizar a defesa do governo Sarney, caso Collor leve até o fim o seu propósito de realizar uma devassa na administração pública que encerra em 15 de março. Eles poderiam impedir a formação de comissões parlamentares de inquérito, ou até participar das mesmas para barrar qualquer investida contra o atual presidente da República.



Fernando César Mesquita volta à Câmara dos Deputados como funcionário e se aposenta logo

Arquivo 15.7.88

Carlos Menandro 13.2.90



José Reinaldo e Vicente Fialho deixam o Governo e tentam fazer carreira política pelo voto



Aposentadoria, opção de Mesquita

Existem assessores ou amigos do presidente José Sarney que não nutrem nenhum desejo de se candidatar a um cargo eletivo. Este é o caso do atual presidente do Ibama, Fernando Cesar Mesquita. Ele já informou que irá retornar à Câmara dos Deputados, onde é lotado na Assessoria de Divulgação e Relações Públicas (Adirp). Com 52 anos ele irá trabalhar até maio quando pedirá a sua aposentadoria.

Para não perder os contatos políticos que conseguiu e nem jogar fora o seu conhecimento de marketing, o secretário particular do presidente Sarney, Augusto Marza-

ção, irá montar um escritório de consultoria política. Ele está em dúvida apenas se a sede será no Rio de Janeiro, São Paulo ou em Brasília.

Por fim, o secretário de imprensa da Presidência da República, Carlos Henrique, deverá retornar a sua atividade de jornalista no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de onde saiu para dar assessoria ao presidente Sarney.

Estabilidade

Este não é o destino que Sarney gostaria de dar aos seus amigos. Ele preferia dar um futuro mais estável, como fez com Marcos Vilça,

ao indicá-lo para o Tribunal de Contas da União, ou com Eduardo Pires Gonçalves, irmão do atual ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, que foi nomeado ministro do Superior Tribunal Militar.

Neste final de mandato, ele acertou o destino apenas do ministro da Justiça, Saulo Ramos, que será membro do Conselho da República. O presidente não quer fazer novas nomeações com medo de uma possível represália por parte de Collor, que poderia desfazer suas nomeações, provocando um desgaste político muito grande para os seus amigos. J.A.A)

Ivan sonha com pijama

Os ministros Ivan de Souza Mendes, do Serviço Nacional de Informações (SNI), e Rubens Bayma Denys, da Casa Militar, encabeçam a lista dos militares que deixam o Palácio do Planalto com o início do novo governo e agora preparam o caminho de volta para casa. O ministro Ivan — que é general da reserva — avisa que vai levar, enfim, a vida de aposentado no seu apartamento de Brasília. Já o general Bayma Denys volta para a tropa e deve ser premiado com um comando de divisão, enquanto aguarda a sua promoção a general de Exército (quatro estrelas), que deve ainda demorar.

Os 234 militares da ativa hoje espalhados no Gabinete Militar, no gabinete do presidente José Sarney, na Diretoria Administrativa e na Secretaria de Controle Interno da presidência da República voltam, em sua maioria, para as respectivas forças. Os que são oficiais superiores (postos de major a coronel), já têm funções designadas, os demais continuam na expectativa. Os militares lotados nas subchefias de Marinha, Exército, Aeronáutica e do Gabinete Militar — se revezam na preparação das viagens do presidente — além de irem embora, fecham também as portas dos locais em que trabalham.

Enxugamento

As três subchefias — mais uma das excessões herdadas do regime militar e responsáveis pelas enormes comitivas formadas a cada viagem presidencial — serão puras e simplesmente extintas e suas atribuições repassadas para a Secretaria-Geral da Presidência da República.

Eilson Soares 18.4.85



O general Ivan vai para casa